

RACISMO DE ESTADO, RESISTÊNCIA, CUIDADO DE SI E CORAGEM DA VERDADE EM O AVESSO DA PELE

Luciana Aparecida Silva de Azeredo¹

Resumo: Partindo da pergunta de Foucault em *A ordem do discurso*, “Mas, o que há enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente. Onde, afinal, está o perigo?”, me pergunto: qual o perigo de o livro *O avesso da pele* ser lido por jovens no/do ensino médio segundo aqueles que o censuram? O que há de tão perigoso na obra? Com base nesses questionamentos e entendendo o livro como uma forma de resistência ao racismo de Estado, este artigo problematiza a censura sofrida pelo livro e faz coro com aqueles que levantam sua voz, que procuram entender e resistir à governamentalidade neoliberal, global, algorítmica que nos conduz, que buscam por saídas coletivas, via conhecimento e cuidado de si, do outro e do planeta.

Palavras-chave: Censura a livros. Racismo de Estado. Resistência. Práticas de si. Parresia.

State Racism, Resistance, Care of the Self, and the Courage of Truth in *O avesso da pele*

Abstract: Drawing from Foucault’s question in *The Order of Discourse*, “But what is it, after all, that is so dangerous about people speaking and their discourses proliferating indefinitely? Where, indeed, is the danger?”, I inquire: what is the danger of the book *O avesso da pele* being read by young people in high school according to its censors? What is so perilous about this work? Based on these questions and taking the book as a form of resistance to state racism, this article examines the censorship faced by the book and aligns with those who raise their voices to understand and resist the neoliberal, global, algorithmic governance that guides us, seeking collective solutions through knowledge and care of the self, of others, and of the planet.

Keywords: Censorship of books. State racism. Resistance. Practices of the self. Parrhesia.

É necessário preservar o avesso, você me disse. Preservar aquilo que ninguém vê. Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. (Tenório, 2020, p.61)

¹ Doutora em Educação, com pós-doutoramento em Estudos de Linguagens. Docente e pesquisadora no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: luciana.azeredo@cefetmg.br

Introdução: da ideia à escrita, passando pela *live*

A ideia para este artigo surgiu, em 2022, quando li a obra *O Averso da Pele*² a convite de um colega, com quem estou escrevendo um outro artigo que tangencia leitura e resistência. A obra do escritor negro brasileiro Jeferson Tenório despertou em mim várias indagações, entre elas, questões relativas à coragem da verdade, à resistência, ao racismo de Estado, a partir das leituras do filósofo Michel Foucault, que venho fazendo em minha (trans)formação continuada. Em 2024, o interesse ressurgiu com as inúmeras notícias e postagens³ sobre a censura que a obra de Tenório (2020) tem sofrido em escolas do Brasil afora, sendo seus exemplares recolhidos em alguns estados, mesmo tendo a obra sido aprovada/escolhida pelo PNLD⁴.

2 Premiada com o Prêmio Jabuti em 2021, selecionada para distribuição escolar pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), do Ministério da Educação (MEC) e constante na lista de livros obrigatórios do vestibular do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), um dos mais concorridos do país e, a partir de 2025, também no vestibular da UFRGS.

3 Algumas matérias a respeito: [https://veja.abril.com.br/cultura/apos-censura-vendas-de-o-avesso-da-pele-crescem-mais-de-6000#:~:text=As%20secretarias%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20desses,18%20anos%20e%20conte%C3%BAdo%20sexual](https://veja.abril.com.br/cultura/apos-censura-vendas-de-o-avesso-da-pele-crescem-mais-de-6000#:~:text=As%20secretarias%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20desses,18%20anos%20e%20conte%C3%BAdo%20sexual.). <https://www.metropoles.com/distrito-federal/escolas-do-df-receberam-19-mil-unidades-de-livro-alvo-de-polemica> <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/03/08/o-avesso-da-pele-livro-que-debate-racismo-e-censurado-em-escolas-de-3-estados-por-reacao-equivocada-ao-conteudo-alertam-especialistas.ghtml>

4 O PNLD compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do país e de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. As escolas participantes do PNLD recebem materiais de forma sistemática, regular e gratuita, o que se constitui em um dos principais instrumentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem nas escolas beneficiadas. Fonte: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro>. Acesso em: mar. 2024.

Nesse momento, recebi o convite para participar do seminário *A coragem da verdade* e do *dossiê* decorrente, organizados pelo Prof. Dr. Nilton Milanez, em homenagem aos 40 anos do proferimento do último curso de Foucault. 1984 foi também o ano em que Foucault faleceu, mas ele continua vivo em pesquisas realizadas a partir de sua caixa de ferramentas e do pontilhismo teórico-metodológico que nos legou.

Parto da pergunta proposta por Foucault em sua aula inaugural no *Collège de France, A ordem do discurso*: “Mas, o que há enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente. Onde, afinal, está o perigo?” (Foucault, 2014a, p. 8). E me pergunto: qual o perigo de o livro ser lido por jovens no Ensino Médio, segundo aqueles que o censuram? O que há de tão perigoso nessa obra? A obra pode ser entendida como um gesto de resistência frente ao Racismo de Estado? Uma outra pergunta pertinente seria: quais as condições de existência/emergência dessa censura? Dita de outro modo, que solo epistemológico permite o (re)surgimento do discurso da censura a obras literárias no Brasil?

Partindo desses questionamentos iniciais e entendendo o livro em questão como uma forma de resistência, resistência ao racismo de Estado, como sinaliza Foucault em *Defesa da Sociedade*, este artigo tem por objetivo problematizar as estratégias de um dos dispositivos de biopoder no Brasil atual por meio da questão da censura ao livro. O intuito é que este artigo faça coro com aqueles/as docentes e discentes que levantam sua voz contra a proibição de sua leitura, que resistem, não só lendo e discutindo a obra em sala, como também publicizando o feito por meio de suas mídias sociais, como é o caso, do *repost* feito pelo próprio autor, com mais de 20.000 curtidas e vários comentários. No post, é mencionado o depoimento comovente de uma professora, cuja foto e legenda trazemos abaixo para encerrar esta introdução. De livro em punho, uno-me por meio da escrita deste texto a esta professora e seus/suas alunos/as e ao

próprio autor, que tem realizado movimentos contra a censura, como a conversa *O avesso da censura: o papel da literatura em ambientes conservadores* (cartaz abaixo).

Hoje pela manhã, na turma do curso técnico integrado em administração - 3º ano - IFSULDEMINAS - campus Pouso Alegre, começamos a leitura do livro *O avesso da pele*, escolha literária do trimestre, antes do absurdo de que está sendo alvo este romance impactante, profundo e necessário. Pela primeira vez em quase vinte anos de docência, todos os meus alunos tinham um exemplar em mãos... parece algo tão simples, mas não era até aqui. A posse do livro, o acesso ao exemplar, é um direito inalienável, como já dizia Antonio Cândido, e hoje este direito se concretizou na minha sala de aula, o que foi possível em virtude do PNLD - literário. A alegria não era só minha, dá para ver no rostinho de cada um/cada uma? Foi um momento muito emocionante, por muitos motivos: pela ação de incentivo à leitura e principalmente por ser *O avesso da pele* a obra escolhida, juntos lemos os primeiros capítulos; eu, com a voz embargada, meus alunos, sem tirar os olhos das páginas. Saí da sala e fiquei pensando o que Henrique (protagonista do livro, também ele professor de literatura) sentiria ao presenciar esta foto, ao ver esta cena... ele estava lá, entre nós, de alguma forma, porque o romance de Jeferson Tenório faz viver e de mãos dadas com estes homens atravessaremos todos os abismos. “Até o fim você acreditou que os livros poderiam fazer algo pelas pessoas”. Pedro, como seu pai, eu também acredito! #REPOST @elisalopesletras



Fonte: Instagram oficial de Jeferson Tenório (@jeferson.tenorio.9)

O autor, a obra e a censura⁵

Jeferson Tenório, autor negro, nasceu no Rio de Janeiro, em 1977, mas radicou-se no sul do Brasil, em Porto Alegre. Ele é graduado em Letras, Mestre em Literaturas Luso-africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Doutor em Teoria Literária pela PUC-RS. Suas pesquisas acadêmicas versam sobre colonialismo, pós-colonialismo, identidade e diáspora africana na pós-modernidade, partem da perspectiva nietzschiana e visam demonstrar

[...] como os fatores sociais incidem na formação da subjetividade dos sujeitos africanos. Questiona então a noção de Verdade Fixa, indagando para quem e para que se busca essa Verdade. [...] discute e apresenta os constructos identitários a partir de fatores como a pós-modernidade, a nação, a raça e o cosmopolitismo que confere a eles condição de sujeitos diaspóricos. (Literafro, 2024, n.p.)

Sua estreia na literatura é recente, com o romance *O beijo na parede* (2013), eleito como o Livro do Ano pela Associação Gaúcha de Escritores. Em 2018, lançou *Estela sem Deus* e, em 2020, *O avesso da pele*, objeto deste artigo, que venceu o prêmio Jabuti e teve seus direitos vendidos em vários países. O conjunto das três obras é denominado pelo próprio autor como *Trilogia do abandono*, que procura trazer “para o centro do processo narrativo a voz da consciência jovem em sua formação rumo à construção da cidadania” (Literafro, 2024, n.p.)

O beijo na parede faz com o que o/a leitor(a) se defronte com cenários de carência material e afetiva das pessoas em situação de vulnerabilidade que habitam o mundo contemporâneo, destacando a precariedade decorrente da pobreza e do abandono e a

5 As citações diretas desta seção têm como fonte o perfil biográfico do autor, publicado no portal de literatura afro-brasileira - Literafro - da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1239-jeferson-tenorio>. Acesso em 28 de abril de 2024.

fragilidade da vida frente ao racismo nos embates do dia a dia. Em *Estela sem Deus*, a “problemática do amadurecimento precoce da infância e da juventude negras, num contexto marcado pelo racismo e pela subalternidade econômica e social” (Literafro, 2024, n.p.) é retomada. Ambos são narrados em primeira pessoa, assim como *O avesso da pele*, sobre o qual se tem muito debatido recentemente no que tange à censura sofrida, a respeito da qual versaremos mais adiante. Todas as três obras abordam a “violência naturalizada contra pessoas negras e pobres, mas sempre a partir de um ponto de vista interno, voltado para a expressar a voz das vítimas” (Literafro, 2024, n.p.). A narrativa de 2020 traz, de forma brutal, a vida de um homem negro em um estado, em um país racista, vida essa, por um lado, repleta de dor, de sofrimento, de acerto de contas; por outro, de resistência, de luta, de redenção, de liberdade. Trata-se de um filho, de nome Pedro, o narrador, contando a trajetória de um professor de literatura, seu pai, Henrique, que havia lecionado a jovens problemáticos numa escola da periferia de Porto Alegre e que havia sido uma das tantas vítimas de agressão policial, sem justificativa plausível que não a da cor da pele e a sua suposta propensão à criminalidade.

Pode-se dizer que o autor, por meio de seus personagens e narradores, atua parresiasticamente, ou seja, exercita a coragem da verdade ao trazer à tona algo tão doloroso e necessário, o racismo, racismo estrutural. Este tipo de racismo é (in)visível, às vezes, sutil e disfarçado, outras escancarado e violento, racismo de Estado, como os que se materializam em trechos do livro que elencaremos em outra seção. A este respeito, Paulo Scott, ressalta na orelha do livro, que “Jeferson Tenório se coloca como autor que nos ajuda a compreender nossa identidade, brasileira, negra, humana, nosso drama” (Scott, apud Tenório, 2020). Já Geovani Martins, na contracapa, salienta que o livro, por meio de um mergulho (que podemos chamar de psicanalítico) profundo em seus personagens

e narradores, consegue tocar “questões centrais da sociedade brasileira. E o mais potente nisso tudo é que, aqui, as reflexões partem de dentro para fora” (Martins, apud Tenório, 2020).

E a esta altura, o/a leitor(a) deste trabalho pode estar se perguntando, mas se o livro retrata a sociedade contemporânea e aborda as vivências de grande parte da população brasileira⁶, que é negra e/ou parda, por que tem sido alvo de censura? O que é que não pode ser dito que foi expresso no livro? E mais: Será que esse dizer verdadeiro no/pelo livro incomoda por tocar no ‘no impensado do pensamento’⁷ das classes média e alta brasileiras, cuja branquitude não admite as diferenças? Não seria a censura advinda de um segmento social que, (in)conscientemente, ainda hoje, delega aos/às negros/as apenas discursos de inferiorizarão, animalização e criminalização? São inúmeros os questionamentos...

A censura sofrida foi engendrada por uma diretora de uma escola estadual em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, que solicitou, ao Ministério da Educação (MEC), o recolhimento da obra alegando sua vulgaridade advinda do uso de palavras de baixo calão, o que desencadeou a ordem de recolhimento da obra em 19 municípios, revogada horas depois pela Secretaria de Educação Estadual. Os governos de outros três estados brasileiros, Mato Grosso

6 Em 2022, cerca de 92,1 milhões de pessoas se declararam pardas, o equivalente a 45,3% da população do país. Desde 1991, esse contingente não superava a população branca, que chegou a 88,2 milhões (ou 43,5% da população do país). Outras 20,6 milhões se declaram pretas (10,2%), enquanto 1,7 milhões se declaram indígenas (0,8%) e 850,1 mil se declaram amarelas (0,4%). Fonte: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20\(0%2C4%25\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20n%C3%A3o,amarelas%20(0%2C4%25)).

7 Partindo de Foucault, Ribeiro (2011, p. 619), alega que “O impensado não se localizaria no interior do homem, não seria manifestação ou expressão de interioridade de um suposto sujeito ontológico. Ao contrário. O impensado, o impensável do pensamento, seria, antes, uma força advinda da exterioridade, o lado de fora do homem.”

do Sul, Goiás e Paraná, embora o último tenha reconhecido a importância da temática abordada no livro, optaram por recolher os exemplares, alegando que o livro apresenta uma “linguagem pornográfica” imprópria para os/as alunos/as do ensino médio, entre outros, sem explicitar a quais passagens se referiam.

O autor não se calou perante a censura sofrida e ganhou o apoio público de entidades como a Academia Brasileira de Letras (ABL) e de vários/as escritores/as e leitores/as, como eu e os citados no início deste texto. Entre os ditos e escritos contra sua censura, destacamos a alegação de que a censura de uma obra que aborda temas essenciais como racismo, violência e injustiça social, questões interseccionais complexas do mundo em que esses/essas jovens habitam, pode limitar o debate e a discussão a respeito e, em decorrência, o desenvolvimento da formação literária e do pensamento crítico dos/as estudantes. Ademais, a censura vai contra os direitos dos/as cidadãos/ãs de ter acesso a perspectivas variadas e de formar suas próprias opiniões, o que pode impactar negativamente na promoção de diversidade cultural e tolerância na educação, pois a censura silencia vozes e reforça preconceitos e estereótipos. Por último, para não nos alongarmos muito, o interesse pela leitura e pelo estudo podem ser despertados quando se tem contato com obras que retratam o cotidiano, a realidade na qual o/a aluno/a está inserido/a, como é o caso de *O avesso da pele*, que retrata a condição de ser negro/a em um país aparentemente não racista e denuncia a falência do sistema educacional atual. Talvez nesta última frase residam os motivos centrais e reais para a censura do livro: o escancaramento do racismo de Estado e do abandono da educação pública.

Racismo de Estado, resistência e coragem da verdade em Foucault e em *O Avesso da Pele*

Começo esta seção com trechos da obra em seu imbricamento com um *post* do autor do

livro, em que realidade e ficção se mesclam, uma retratando a outra, borrando a linha divisória entre o que é real e o que é inventado. Talvez isso justifique o incômodo provocado pelo livro, ou seja, o fato de apresentar um retrato de uma sociedade racista e nos falar da existência de um racismo de Estado.

No *post*, de março de 2024, o autor relata haver sofrido a 16ª abordagem policial de sua vida durante uma sessão de fotos para uma entrevista ao *The New York Times*, no Parque da Redenção, onde há, curiosamente, uma imagem (*print* abaixo, feito em 10 de julho de 2024) que nos remete à suástica nazista. Durante a abordagem, o autor negro, foi ignorado, e as explicações sobre o motivo de terem sido abordados dirigiram-se ao fotógrafo branco. Tratava-se de uma denúncia de que havia um traficante pelas redondezas, com certas características e me pergunto, como o autor se questionou, quais características? No fundo, bem sabemos. Foi perguntado ao fotógrafo se tinha sido abordado por alguém e lhe foi explicado que se eles nada deviam, já seriam liberados em seguida, ressaltando que o intuito daquela abordagem era proteger o cidadão do bem, pois “*sabe como é, a gente tem que averiguar as situações*”⁸ (Tenório, 2020, p. 146), exatamente como ocorreu em uma das inúmeras abordagens policiais sofridas pela personagem principal do livro ao longo da vida, a última tendo sido fatal.

No livro, aos 14 anos, Henrique, o pai-professor negro, esperava um ônibus quando foi confundido com um bandido e perseguido pela polícia. Nesse momento, o narrador nos conta que “*ser confundido com bandido vai fazer parte da sua trajetória. E você vai custar a compreender por que essas coisas acontecem*” (Tenório, 2020, p. 19). Algumas páginas mais adiante, o narrador complementa que, em tão tenra idade, o pai já sabia que a aproximação de policiais, de viaturas era sinal de problemas: “*não que você tivesse*

⁸ Os excertos do livro costurados ao texto estão em itálico para facilitar sua visualização.

consciência de que a polícia te abordava porque você era negro, mas sua experiência já te dizia para se manter longe das viaturas” (Tenório, 2020, p. 146). Em uma outra abordagem, depois de uma aula ministrada na EJA, a personagem principal e outros negros foram instados a descer de um ônibus em uma *blitz*. Quando um branco, no mesmo ônibus, fez menção de descer, o policial lhe disse que ele não precisava descer. Nessa *blitz*, a literatura salva o protagonista de maiores complicações. Ao ser questionado pelo policial a respeito do tipo de livro que carregava, este fica feliz ao saber que no livro (*Crime e Castigo* de Fiódor Dostoiévski) um personagem virava católico, pois para ele poesias e a Bíblia deviam ser lidos pelos/as jovens e, ao desculpar-se pela abordagem, diz ao professor que é porque *“Porto Alegre tá cheio de vagabundo”* (Tenório, 2020, p. 149). Apesar das inúmeras abordagens sofridas injustamente, *“dia após dia, você continuou desafiando a possibilidade de morrer. No sul do país, um corpo negro será sempre um corpo em risco”* (Tenório, 2020, p. 184).



Fonte: Instagram de Jefferson Tenório (@jeferson.tenorio.9)

Tantos outros trechos da obra ou notícias de fatos reais poderiam ser elencados aqui para abordar a questão do racismo de Estado, ferramenta teórico-analítica que, embora não tenha sido retomada por Foucault após o curso *Em defesa da Sociedade*⁹, se faz frutífera para a problematização da censura sofrida pela obra. A esse respeito, na aula de 28 de janeiro de 1976, Foucault afirma que

O discurso racista foi apenas um episódio, uma fase, a variação, a retomada em todo caso, no final do século XIX, do discurso da guerra das raças, uma retomada desse velho discurso, já secular naquele momento, em termos sociobiológicos, **com finalidades essencialmente de conservadorismo social e, pelo menos em certo número de casos, de dominação colonial.** (Foucault, 2010a, p. 55, grifos meus)

Aqui me pergunto: seria a censura ao livro fruto desse conservadorismo social, que (re) surge no Brasil atual, em defesa da pátria, da família, dos bons costumes? E/ou a censura teria sua existência pautada no colonialismo ainda vigente em nosso país, mesmo anos após nossa “independência”, após o “fim” da escravidão¹⁰?

9 Vale mencionar que Foucault retoma aqui questões relativas ao poder soberano, ao poder disciplinar e ao biopoder, que serão continuadas em Segurança, território e população. Ele parte de um contexto de pós-guerra, em que está em jogo a verdade da história, da história desde a guerra, o pós-guerra. Ademais, ressalta que o racismo vem de outrora e que o poder advém de todos os lados, não só de cima para baixo e na vertical, mas também de baixo para cima, na horizontal, na diagonal. São micropoderes, relações de poder-saber. A esse respeito, Adverse (2021, p. 233) nos lembra que Foucault não entendia o poder como apenas um fenômeno de dominação maciço e homogêneo, mas algo que circula e funciona em cadeia, preocupando-se em sua analítica do poder de examinar o poder “em funcionamento, em seu exercício “em rede””.

10 Não podemos nos esquecer do trabalho análogo à escravidão existente em nossa sociedade, como é visível em notícias como: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202408/593-trabalhadores-sao-resgatados-em-condicoes-analogas-a-escravidao-na-maior-operacao-da-historia-do-brasil>

Foucault (2010a, p. 59) menciona uma contra-história que emerge da/na luta das raças, que vai falar da e a partir da sombra, pois segundo ao autor há “[...] uma luz que divide, que aclara de um lado, mas deixa na sombra, ou lança para a noite, uma outra parte do corpo social”. Essa luz é associada à lei que aparece “[...] como uma realidade de dupla face: triunfo de uns, submissão de outros.” Conforme o autor (2010a, p. 61), “trata-se de reivindicar direitos ignorados, ou seja, declarar guerra declarando direitos”. Não se trata, portanto, de “um ritual inerente ao exercício, à exibição, ao fortalecimento do poder, ela é não somente a crítica, mas ataque a ele e a reivindicação dele”. Porém, Foucault (2010a, p. 67) nos adverte que “no momento em que se forma uma contra-história do tipo revolucionário, vai-se formar uma outra contra-história, mas que será contra-história na medida em que esmagará, numa perspectiva biológico-médica, a dimensão histórica que estava presente nesse discurso”, que faz emergir ou intensifica o racismo. Dito de outro modo, “o racismo é, literalmente, o discurso revolucionário, mas pelo avesso” (Foucault, 2010a, p. 68).

Nessa transformação de um discurso antigo e recorrente, o “das lutas, das decifrações, das reivindicações e das promessas” (Foucault, 2010a, p. 69), emerge o racismo de Estado, biológico e centralizado. Segundo Adverse (2021, p. 232), Foucault no livro *Em defesa da sociedade*¹¹ “[...] leva a cabo uma genealogia do racismo de Estado que permite compreender os regimes totalitários [...]”, em que há a fusão entre soberania e biopolítica, sendo esses regimes “[...] a forma paroxística de poder disciplinar e do biopoder [...]”.

Foucault aborda a emergência de uma de suas formas mais cruéis de operar, o nazismo que, até hoje, infelizmente, tem seus simpatizantes inclusive em nosso país, que fazem uso de uma mitologia já existente, “[...] popular, e quase medieval, para fazer o racismo de Estado

funcionar numa paisagem ideológica-mítica que se aproxima daquela das lutas populares que puderam, em dado momento, sustentar e permitir a formulação da luta das raças” (Foucault, 2010a, p. 69). Em outras palavras, trata-se de “reciclagem, pois, ou reimplantação, reinserção nazista do racismo de Estado na lenda das raças em guerra” (Foucault, 2010a, p. 69), lenda essa que Foucault rastreia ao longo dos séculos, em suas nuances, transformações, regularidades e singularidades. “De um lado, a história romana da soberania, do outro, a histórica bíblica da servidão e dos exílios” (Foucault, 2010a, p. 65), cujo “cruzamento [...] trouxe a explosão de todo um campo de saber” (Foucault, 2010a, p. 66), passando também pela luta de classes, chegando à sociedade moderna, centrada não mais na soberania ou na fundação, mas “[...] na revolução, em suas promessas e em suas profecias de libertações futuras” (Foucault, 2010a, p. 67).

Em suma, o discurso da raça “[...] foi uma maneira de inverter essa arma, de utilizar seu gume em proveito da soberania conservada do Estado, de uma soberania cujo brilho e cujo vigor não são agora assegurados por rituais mágico-jurídicos, mas por técnicas médico-normalizadoras.” (Foucault, 2010a, p. 68). E foi assim que o canto da sereia do racismo, que há séculos ecoa e seduz (ainda que de formas distintas), que

[...] o canto rouco das raças que se enfrentam através das mentiras das leis e dos reis, esse canto que, afinal das contas, produziu a primeira forma do discurso revolucionário, tornou-se **prosa administrativa de um Estado que se protege em nome de um patrimônio social que deve ser guardado puro.** (Foucault, 2010a, p. 70 grifos meus).

Cabe ressaltar que podemos ver materializada esta prosa administrativa do Estado, atuando em prol de uma suposta proteção de um patrimônio social, nas falas dos

11 Talvez a tradução mais apropriada do francês talvez fosse “É preciso defender a sociedade”

policiais, tanto o da obra como o da vida real, já trazidas anteriormente.

Conforme Foucault, no século XIX, surge um “novo” direito”, em substituição ao direito soberano de matar, “que não vai apagar o primeiro, mas vai penetrá-lo, perpassá-lo, modificá-lo, e que vai ser o direito, ou melhor, um poder exatamente inverso: poder de “fazer” viver e de “deixar” morrer” (Foucault, 2010a, p. 202), ou seja, passa-se do direito de fazer morrer ou de deixar viver para o poder de fazer viver e deixar morrer, uma nova tecnologia de poder, cujo foco é a população, uma biopolítica, pautada em estatísticas, inicialmente de natalidade, mortalidade e longevidade, das quais “[...] vai extrair seu saber e definir o campo de intervenção de seu poder” (Foucault, 2010a, p. 206).

Para o autor (Foucault, 2010a, p. 217), o racismo nos põe num mecanismo que possibilita ao biopoder exercer-se. “A raça, o racismo, é a condição de aceitabilidade de tirar a vida numa sociedade de normalização” ou, de forma mais explícita “a função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo.” (Foucault, 2010a, p. 215). Afinal, “como, nessas condições, é possível, para um poder político, matar, reclamar a morte, pedir a morte, mandar matar, dar a ordem de matar, expor à morte não só seus inimigos, mas seus próprios cidadãos?” (Foucault, 2010a, p. 214). Cidadãos/cidadãs negros/as e pardos/as, no caso da obra em análise.

Mas o que significa deixar morrer? Há uma miríade de formas de deixar morrer. Deixar morrer de fato por mandar matar/executar, mas também por deixar sem assistência médica adequada, sem medicamentos necessários e/ou sem alimentação suficiente... Matar social e culturalmente por meio da negação/limitação do acesso a bens culturais, como à literatura, à arte, entre outros, ou do impedimento da fala, do silenciamento, do apagamento de vozes outras, distintas das normalizadas e normalizadoras.

No caso do livro em questão, atrevo-me a dizer que o deixar morrer está atrelado à censura de uma obra escrita por um negro, que problematiza questões interseccionais relativas a moradores/as da periferia, de classes mais baixas, majoritariamente negros/as, em seus embates com uma sociedade “normal”, branca, de herança colonial e patriarcal, conservadora, que em nome dos “bons” costumes e da forma(ta)ção de cidadãos/ás “do bem”, censura livros como o *Aveso da pele*, o *Menino marrom*¹², etc. em pleno século XXI, alegando, entre outros, que estes podem incitar maus comportamentos nas jovens. Uma sociedade em que há aqueles/as, como Bruno, o “bom” empresário na obra que dá oportunidades de emprego a negros/as, que acreditam fazer sua parte para salvá-los/as das drogas e da violência e que talvez nem notem o quão racistas são seus pensamentos, atos e falas. Uma sociedade que ainda obriga uma pessoa negra a seguir uma espécie de manual de sobrevivência, que lhe é inculcado desde criança, com proibições como:

[...] não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego. (Tenório, 2020, p. 88)

Porém, como bem enfatiza Foucault, não há relação de poder-saber que não suscite, que não esteja imbricada a possibilidades de resistência, ínfimas, por vezes, em resposta aos micropoderes que nos constituem, de cujo exercício somos fruto e que também exercemos sobre os outros e sobre nós mesmos frente ao

12 <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2024/06/28/justica-determina-volta-do-livro-o-menino-marrom-em-escolas-de-minas-gerais.ghtml> Acesso em 08 jul. 2024. <https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/censura-a-livro-de-zivaldo-maluquinhos-marroms-de-todas-as-cores> Acesso em 08 de jul. 2024.

modo de vida atual. Resistência essa necessária em um mundo, em um país em que a extrema direita avança, reavivando discursos de cunho racista, homofóbico, misógino, e tantos outros adjetivos nessa esteira. Assim, a resistência em Foucault é entendida como uma resposta inevitável ao exercício do poder, pois, para o autor, onde existe poder, existe resistência, uma vez que as relações de poder podem gerar formas de contestação e subversão. Revel (2005) enfatiza que a resistência não é externa ao poder, mas é um componente fundamental das relações de poder, podendo assumir muitas formas, desde pequenas transgressões diárias, como a escrita deste artigo, até movimentos sociais organizados.

Em suma, saber, poder e resistência estão interligados no pensamento de Foucault. O saber é produzido/produz por meio de relações de poder, que estabelecem o que é considerado verdadeiro e quem tem a “autoridade” para falar. Essas relações de poder são, por sua vez, constantemente desafiadas por formas de resistência, que buscam subverter as normas estabelecidas e criar regimes de verdade outros.

Aproveito para destacar a importância dos estudos discursivos foucaultianos no diagnóstico e na problematização do presente, pois, o método¹³ arqueogenealógico nos possibilita uma análise crítica das formações discursivas ao longo do tempo, o que é crucial para o entendimento de como as coisas são como são no momento atual. Para Navarro (2020), esse método permite aos pesquisadores investigar as condições de produção/emergência e de circulação dos discursos, revelando as estratégias de poder e de resistência presentes nas práticas discursivas. Nessa perspectiva, compreende-se a análise do discurso “como possibilidade de pesquisa capaz de oportunizar reflexões que provoquem estranhamentos e rupturas dos

13 Método no sentido “soft”, como proposto no artigo “Teoria e método em Michel Foucault: (im)possibilidades”, escrito por Veiga-neto, disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1635>. Acesso em 08 de ago. 2024.

dogmatismos [...], entendendo que produzir conhecimento é um ato político e de resistência” (Tortola, 2022, p.11).

Foucault, na aula de 1º de março de 1978, do curso intitulado *Segurança, Território e população*, depois de conjecturar sobre a impropriedade de algumas palavras (revolta de conduta, desobediência, insubmissão, dissidência) para expressar seu entendimento de resistência, opta por usar o termo *contraconduta*. O autor fala de um sentido ativo, “de uma luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros” (Foucault, 2008, p. 266). Trata-se da resistência a um poder institucionalizado, como ética e estética da existência, da busca por leituras outras da realidade, do desejo de conduzir e/ou ser conduzido/a de outras maneiras, das práticas de si, como veremos a seguir exemplificadas em passagens da obra.

De modo sintético, as práticas de si implicam: 1) uma atitude para consigo mesmo, para com os outros ao seu redor e para com o mundo no qual se está inserido; 2) uma conversão do olhar, do exterior, dos outros e do mundo para o interior, para si mesmo, o que requer exercício e meditação; 3) ações exercidas de si para consigo, nas quais “nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos” (Foucault, 2010b, p. 12). Tais práticas, além de sua função pedagógica inicial de preparação para a vida adulta, que foi se apagando ao longo do tempo, assume outras funções, entre elas: 1) crítica: desaprender (de-discere) os maus hábitos e falsas opiniões recebidos etc.; 2) luta: combater durante toda a vida, luta para a qual se deve equipar o indivíduo com armas e coragem; 3) curativa e terapêutica: curar as doenças (pathos) da alma.

Dentre as práticas de si, destaco aqui a *parresía*, que envolve constituir-se mediante o cuidado constante com a verdade, por meio do qual “o sujeito constitui-se de forma autônoma como agente do dizer verdadeiro. As verdades do racismo estrutural, racismo de Estado são

escancaradas em o Averso da pele, verdades essas que um país “tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”¹⁴, de gente gentil e hospitaleira, teima em esconder embaixo do tapete. Tanto Jefferson Tenório, em sua função-autor, quanto os processos por ele construídos em seu texto ficcional, a meu ver, podem remeter-nos a posturas parresiásticas, uma vez que implicam riscos ao autor na vida real e aos personagens na ficção.

A respeito da genealogia da noção de parresia em Foucault, Adverse (2024, p. 68) ressalta que é importante ter em mente que ela

[...] pertence a um conjunto de estudos que Foucault havia iniciado por volta de 1978 e que concerne à “governamentalidade”. A parresia, nesse sentido, é uma forma de discurso na qual está em jogo tanto o governo de si, isto é, do sujeito que enuncia, quanto o governo dos outros – não importando se estes são os membros de uma assembleia ou somente a alma do governante aconselhado pelo parresiasta.

Há definições, nuances e limitações do conceito de parresia, como ressalta Adverse (2024). Por isso, saliento que, neste artigo, ela é entendida como uma técnica de si, de uma ascese e de uma prática de liberdade” (Ortega, 1999, p.108-112). Foucault procurou reabilitar essa importante dimensão da *parresía*, a do “dizer verdadeiro como uma arte da existência utilizada pelo sujeito na sua autotransformação”, no cuidado de si e do outro, sempre imbricados (Ortega, 1999, p. 113), como veremos a seguir na relação entre Henrique e o Professor Oliveira.

A este respeito, Foucault, em seu último curso – *A coragem da verdade*, cujo proferimento foi há 40 anos e que celebramos neste *dossiê*, se propôs a “analisar, em suas condições e suas formas, o tipo de ato pelo qual o sujeito, dizendo a verdade, se manifesta, e com isso quero dizer: representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade” (Foucault, 2011, p. 04). Como observado no caso da

censura sofrida e da reação contra ela, Tenório não só se representa enquanto sujeito negro em suas obras, mas representa também a tantos/as negros/as e é reconhecido, de modo geral, como alguém que pode dizer verdades sobre um Brasil racista, verdades que nem sempre se deseja mostrar.

Importante mencionar que, nesse dizer a verdade, o sujeito se constitui e é constituído, havendo um imbricamento entre sujeito, verdade e relações de poder. Nessa perspectiva, a parresia abarca sempre um risco para os envolvidos, se refere à coragem da verdade “naquele que fala e assume o risco do dizer, a despeito de tudo, toda a verdade do que pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (Foucault, 2011, p. 13). Assim, “o parresiasta [...] será o dizedor corajoso de uma verdade em que ele arrisca a si mesmo e sua relação com o outro” (Foucault, 2011, p. 14). Aqui, poderia implicar o risco de suas obras não serem compradas/lidas ou de serem censuradas, difamadas; o risco de as verdades ferinas proferidas na/pela ficção serem silenciadas ou tidas como falsas, como pura ficção... Porém, a este respeito, Foucault (2011, p. 18-19) nos lembra que o parresiasta

Não é alguém que se que se mantém fundamentalmente reservado. Ao contrário, seu dever, sua obrigação, seu encargo, sua tarefa é falar [...] [...] é o indefinido, o permanente, o insuportável inter-pelador.¹⁵ [...] Diz o que é mas, na singularidade dos indivíduos, das situações e das conjunturas. [...] [É aquele que] sempre se aplica, questiona, aponta para os indivíduos e situações a fim de dizer o que estes são na realidade, dizer aos indivíduos a verdade deles mesmos que se esconde a seus próprios olhos, revelar sua situação atual, seu caráter, seus defeitos, o valor da sua conduta e as consequências eventuais da decisão que eles viessem a tomar. O parresiasta não revela a seu interlocutor o que é. Ele desvela ou o ajuda a reconhecer o que ele, interlocutor é.

15 Enquanto este artigo está sendo escrito, Jefferson Tenório lançou um novo livro “De onde eles vêm” que tem como pano de fundo o ingresso dos primeiros cotistas na universidade brasileira.

No e em torno do livro, há gestos de resistência e, ousos dizer, parresiásticos de certo modo. Opto por destacar a figura do professor Oliveira, aquele que desvendou a Henrique, pai do narrador, sua condição de pessoa negra. Foi por meio de suas palavras que Henrique pela primeira vez ouviu falar em consciência negra, em um cursinho preparatório para vestibulares para pessoas negras em uma ONG. A esse respeito, o narrador nos conta que:

Será com ele que você tomará consciência de si e do mundo branco em que está inserido. Oliveira era poeta e professor de literatura. Usava cabelo black power. Barba grande. Você ficou impressionado com aquele professor negro que falava de Shakespeare e Ogum com a mesma intensidade e beleza. [...] você não compreendia que a sociedade se importava mais com a sua cor do que como seu caráter (Tenório, 2020, p. 29)

Professor este que entra na vida de Henrique em um momento em que ele está em um relacionamento com uma moça branca, Juliana, em que ambos são bombardeados por um preconceito velado e acabam percebendo que *“a cor da pele era algo importante e que não poderia mais ser ignorado no relacionamento”* (Tenório, 2020, p. 30), o que acaba contribuindo para seu fim porque *“[...] sorratamente a raça ocupou um espaço em suas vidas e vocês nem perceberam. O afeto e o desejo, dependentes, de mais ou menos melanina”* (Tenório, 2020, p. 31). Além dos olhares curiosos e preconceituosos aos quais estavam sujeitos quando juntos em público, a intimidade com o negão da família foi aumentando e havia um bombardeio de insinuações, de perguntas absurdas e de *“piadas sobre negros [que] agora eram contadas sem nenhum pudor”* (Tenório, 2020, p. 31).

Você passou a ser o negão da família, como também passou a ser uma espécie de para-raios de todas as imagens estereotipadas sobre negros: pois disseram que você era mais resistente à dor, disseram que a pele negra custa a envelhecer, que

você deveria saber sambar, que deveria gostar de pagode, que deveria jogar futebol bem, que os negros são bons no atletismo [etc.] (Tenório, 2020, p. 29)

A partir das aulas com o Professor Oliveira, o narrador nos relata que seu pai se dá conta de que *“resistir fazia parte da sua vida [...] [e que] nunca havia se questionado por que as coisas eram assim. [...] A vida simplesmente acontecia e você simplesmente passava por ela”* (Tenório, 2020, p. 32-33), entendeu a resistência diária da irmã à discriminação sofrida por conta da cor de sua pele e de seus cabelos, *“se deu conta de que ser negro era mais grave do que imaginava”* (Tenório, 2020, p. 33).

Foi com o Professor Oliveira que você descobriu que as raças não existiam. Numa única aula você aprendeu que a raça era uma mentira. Que sua cor era uma invenção cruel e orquestrada pelos europeus. Descobriu que a escravidão negra foi sustentada por discursos racistas a partir do século XVIII. [...] Você anotou tudo porque estava estupefato. O conhecimento nunca o havia atingido daquela forma. (Tenório, 2020, p. 33)

Como é possível observar nos trechos apresentados acima, é por meio de verdades outras, que não a hegemônica, sobre racismo, raça, negritude e branquitude, preconceito etc. que Henrique passa a compreender-se nas relações de poder-saber a que estava sujeito, em casa, no trabalho, no relacionamento, de forma diferente. É por meio desse dizer verdadeiro do professor, que se manifesta não só no conteúdo das aulas ministradas, mas também em seu modo de se vestir, de usar o cabelo, que Henrique se entende negro em uma sociedade racista. Os gestos de resistência aqui advêm da coragem da verdade do escritor ao nos apresentar tais personagens, cenas e diálogos denunciando o que ainda se vive no momento atual, tendo a coragem de tocar no assunto espinhoso que é o racismo estrutural no Brasil. A meu ver, o livro, assim como o Professor Oliveira, pode “abrir os

olhos” tanto de negros/as quanto de brancos/as sobre questões relativas à raça, ao racismo, a preconceitos e, com isso, contribuir para que se vislumbrem formas outras de (con)viver, de ser em sociedade.

Ademais, há a resistência que Jefferson Tenório tem empreendido à censura sofrida pelo livro por meio de suas mídias sociais, de entrevistas concedidas, palestras ministradas, entre outros. O autor tem advogado em prol de uma educação mais crítica e de fato democrática em que temas como a violência, o preconceito, o racismo e afins não sejam tabus e possam ser abertamente abordados, por exemplo, por meio da literatura, como fez o fictício Professor Oliveira. Em um cursinho popular da/para a comunidade negra, as verdades ouvidas calaram em Henrique, levando-o a não tolerar mais ser chamado de “meu nego” e referir-se à namorada como “minha branquinha”, a não relevar as piadas racistas advindas os parentes da moça, entre outros.

Felizmente, ainda que momentaneamente, a resistência tem surtido efeito, tem esgarçado as malhas do poder. O autor tem sido convidado para inúmeros eventos e ganhado prêmios, o livro foi transformado em peça de teatro em cartaz e continua presente nas escolas brasileiras etc. Vale destacar que um dos efeitos principais da resistência empreendida, não só pelo autor, foi o parecer favorável do Ministério da Educação, em maio de 2024, retomando a análise da narrativa feita pelo PNLD, buscando responder às questões controversas postas, em especial por políticos e simpatizantes de extrema direita, nas mídias sociais à época¹⁶. A título de ilustração, trago alguns trechos do parecer de dezembro de 2021 (com grifos meus), que ressaltam que o livro aborda um contexto sócio-histórico-cultural marcado por diversos tipos de violência, que precisam ser discutidos e problematizados

16 Para acesso aos documentos oficiais referentes: <https://fiquemsabendo.com.br/educacao/veja-parecer-do-mec-que-avaliou-o-avesso-da-pele-para-o-programa-nacional-do-livro-obra-foi-alvo-de-censura-de-secretarias-es-taduais>

nas escolas para que não sejam naturalizados, assimilados, reproduzidos de modo acrítico:

Há, portanto, trechos com expressões vulgares, de cunho sexual, e referência a violência e drogas. Contudo, fazem parte da lógica da narrativa, trazendo uma coerência interna para o narrado. **Há uma coerência narrativa que procura revelar as tensões sobre a vida e suas reflexões e não fazer uma apologia ao uso de droga, à violência contra a mulher, ao uso de expressões vulgares e sexuais.**

Ademais, a narrativa é bem enredada, apresentando já de início a morte do pai, mas que, progressivamente, **produz modos de ler as relações de poder.**

Implicitamente, o Material Digital do Professor vai ao encontro da Competência Geral 1 ao promover reflexões sobre “cenários cotidianos de preconceito e desigualdade social e racial [...] estimulando assim a ampliação da consciência social nos jovens leitores.” (p. 11), **colaborando, assim, para a “construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva”**, conforme preconizado na Competência Geral 1.

Além da parresía (dizer verdadeiro que implica riscos), a contraconduta via cuidado de si e do outro, no caso do livro analisado, passa também pela escrita de si que, nas belas palavras do filósofo francês, significa

“se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta [ou o livro] é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo (Foucault, 2014b, 152, inserções minhas).

A escrita de si “atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou pensou a um olhar possível” (Foucault, 2014b, p. 142), pois “a carta [, neste caso, o livro] que se envia [, que se publica] age, por meio do próprio gesto

da escrita, sobre aquele que a envia [ou escreve], assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe [e lê]” (Foucault, 2014b, p. 150, inserções minhas).

A narrativa de Jeferson Tenório da vida de um professor negro, em seus embates nas relações de poder-saber, não é só um trabalho literário e intelectual, mas também uma escrita de si, um movimento de autoconhecimento e de autotransformação, que convida os leitores/as, negros/as ou não, a refletirem sobre o que têm feito de suas vidas, com as vidas dos outros, o que pode levar-nos a vislumbrar outras formas de pensar, de agir, de falar, enfim, de ser. Afinal, “a constituição de si se dá a partir da recolha do discurso dos outros” (Foucault, 1997, p. 52). A esse respeito, Eckert-Hoff (2008, p. 41), com base em Foucault, salienta que, ao falar de si, de sua história, de sua vida, o sujeito “jamais se descreve, tal que ele “seria”, tal qual ele deseja se mostrar. Das palavras ditas, irrompem sentidos fluidos, escorregadios, imprevisíveis, incontrolláveis”. Nessa perspectiva, ao escrever de/sobre si, o sujeito “se reinventa, cria um outro ficcional como forma de preenchimento dos espaços vazios”, vazios estes deixados por anos de escravidão negra, pelo racismo estrutural existente, por tantos tipos de preconceito e de violência em nossa sociedade.

Algumas reflexões “finais”: os livros podem fazer algo pelas pessoas

Retomo, mais uma vez, a pergunta norteadora deste artigo: qual o perigo de o Aveso da pele ser lido por jovens no ensino médio?

Da análise aqui empreendida, é possível inferir que a leitura e a discussão do livro no ensino médio podem contribuir para o esgarçamento de certos tipos de verdades historicamente (re)construídas, para a problematização do *status quo*, para o melhor entendimento de como a governamentalidade¹⁷ neoliberal, global,

17 Neologismo usado por Foucault ao abordar a problemá-

algorítmica nos conduz, na busca por saídas coletivas, via conhecimento e cuidado de si, do outro e do planeta.

Uma forma de resistência. Eis o “perigo” do livro analisado aos olhos de alguns, “potência” aos olhos de outros, como aos de quem escreve este texto. Ademais, o trabalho em sala com obras como esta pode propiciar aos/às jovens tanto falar quanto escrever de si, um si não individual e individualista, mas de um si coletivo que evoca os embates, as lutas que vivenciam em seu cotidiano, em suas comunidades.

Para encerrar, sem a pretensão de concluir a problematização aqui pontilhada, gostaria de salientar que, como nos incita Foucault (2014a, p. 06), “[...] é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam [...]” é preciso acreditar na literatura, na educação, como nos conta o narrador logo no início da obra sobre seu pai: “até o fim você acreditou que os livros poderiam fazer algo pelas pessoas” (Tenório, 20210, p. 13).

Referências

ADVERSE, Helton. Foucault e a parresia. O problema da democracia e da filosofia política. **Síntese: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 51, n. 159, p. 67, 2024. DOI: 10.20911/21769389v51n159p67/2024. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/5631>. Acesso em: 3 nov. 2024.

ADVERSE, Helton. Foucault, o Totalitarismo e o Racismo de Estado. O que nos faz pensar. v. 29 n. 48 (2021): Nº 48: Junho 2021. DOI: <https://doi.org/10.32334/oqnf.2021n48a746>. Disponível em: <https://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/oqnf/article/view/746> . Acesso em: 3 nov. 2024.

tica do governo, junção de “governar” e de “mentalidade” (gouverner e mentalité, em sua língua materna, o francês) para enfatizar “a interdependência entre o exercício do governo (práticas) e as mentalidades que sustentam tais práticas” (Fimyar, 2009, p. 38).

ECKERT-HOFF, B. M, **Escrituras de si e identidade: O sujeito professor em formação**. Campinas: Mercados das Letras, 2008.

FIMYAR, Olena. Governamentalidade como Ferramenta Conceitual na Pesquisa de Políticas Educacionais. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 34, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8308>. Acesso em: 14 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3ª ed., Trad. Márcio Alves da Fonseca.; Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política**. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Cyntia Regina. “O pensamento do fora”, conhecimento e pensamento em educação: conversações como Michel Foucault. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.3, p. 613-628, set./ nov. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/XgGJ9B8g3y8xGxYZL9mMWVd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TORTOLA, Eliane. Perspectivas e caminhos norteadores para a análise de discursos. 2022. p.9-11. In: **Projetos de pesquisa em análise do discurso / organização Sílvia Mara de Melo**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022.

Submissão: agosto de 2024.

Aceite: novembro de 2024.